

A questão do jornalismo como campo de conhecimento: perspectivas teóricas e bases paradigmáticas

The issue of journalism as a field of knowledge: theoretical perspectives and paradigmatic bases

El tema del periodismo como campo del conocimiento: perspectivas teóricas y bases paradigmáticas

Recebido em: 11/04/2021

Aceito em: 06/06/2021

DOI: 10.46952/rebej.v11i28.440

RESUMO

Este artigo visa discutir o jornalismo por meio das contribuições teóricas dos autores clássicos Peucer, Groth, Weber, Park, Genro Filho, Meditsch e Marques de Melo para a configuração do jornalismo como campo de conhecimento. A partir desses, são apresentadas as seguintes bases teóricas e paradigmáticas antagônicas: funcionalista pragmática, crítico radical e latino-americana dos estudos de Comunicação, que sustentam também teorizações sobre o jornalismo. Conclui-se com uma reflexão teórica sobre as influências desses paradigmas na constituição de pressupostos epistemológicos pioneiros do campo de conhecimento do jornalismo, que contribuem para legitimá-lo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Conhecimento em jornalismo; Teorizações; Paradigmas.

ABSTRACT

This article aims to discuss journalism through the theoretical contributions of classical authors Peucer, Groth, Weber, Park, Genro Filho, Meditsch and Marques de Melo to the configuration of journalism as a field of knowledge. From these, the following antagonistic theoretical and paradigmatic bases about communication studies are presented: pragmatic functionalist, radical critic and Latin American, which also support theorizations about journalism studies. It concludes with a theoretical reflection on the influences of these paradigms in the constitution of pioneering epistemological assumptions of the field of knowledge of journalism, which contribute to legitimizing.

KEYWORDS

Journalism; Knowledge in journalism; Theorizations; Paradigms.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el periodismo a través de las contribuciones teóricas de los autores clásicos Peucer, Groth, Weber, Park, Genro Filho, Meditsch y Marques de Melo a la configuración del periodismo como campo del conocimiento. A partir de ellos, se presentan las siguientes bases teóricas y paradigmáticas antagónicas sobre los estudios de comunicación: funcionalista pragmático, crítico radical y latinoamericanos, que también apoyan teorizaciones sobre periodismo. Concluye con una reflexión teórica sobre las influencias de estos paradigmas en la constitución de supuestos epistemológicos pioneros del campo del conocimiento del periodismo, que contribuyen a legitimarlo.

PALABRAS CLAVE

Periodismo; Conocimiento en periodismo; Teorizaciones; Paradigmas.



Mayara Jordana Sousa Santana

Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Goiás (UFG).
mayarajordana@gmail.com

Ana Carolina R. Pessoa Temer

Doutora em Comunicação Social e professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG.
anacarolina.temer@gmail.com

Ângela Teixeira de Moraes

Doutora em estudos linguísticos e professora do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás
atmoraes@ufg.br

1. INTRODUÇÃO

A constituição do jornalismo enquanto um campo de conhecimento deve se iniciar com as teorizações sobre sua prática social, que surge no século XVII. Sendo uma atividade eminentemente prática, a sua teorização começa antes mesmo de sua incorporação no ensino ou na formação acadêmica para o exercício dessa profissão. Evidentemente, novas questões foram incorporadas a partir da institucionalização do Jornalismo na universidade, o que só ocorreu posteriormente às primeiras fases de expansão da imprensa na Modernidade, com a oferta dos primeiros cursos superiores de jornalismo nos Estados Unidos e depois na Europa no início do século XX. Já no Brasil, os primeiros cursos criados posteriormente nos anos de 1940 (MARQUES DE MELO, 2012) trouxeram novos questionamentos e novas possibilidades de análise/teorização do jornalismo.

Este artigo tem por objetivo debater teoricamente o jornalismo como objeto científico segundo as abordagens teóricas desenvolvidas pelos autores: Tobias Peucer (2004), Otto Groth (2011), Max Weber (2005), Robert Ezra Park (1970), e como elas são apropriadas e revistas por Adelmo Genro Filho (1987), Eduardo Meditsch (1998; 2012) e Marques de Melo (2012). A partir das contribuições desses autores, discute-se o jornalismo a respeito da realidade social e do cotidiano, com base nas teorizações e paradigmas¹ associados às vertentes teóricas: funcionalista pragmática, crítico radical e latino-americana, que se configuram como linhas teóricas antagônicas dos estudos de Comunicação e servem também para ancorar algumas perspectivas que se associam aos estudos de Jornalismo.

As discussões teóricas que serão apresentadas neste artigo fazem uma reflexão sobre três paradigmas e teorias dos estudos de Comunicação distintas – funcionalista pragmático, crítico-radical e latino-americano -, que contribuem para referendar o jornalismo como objeto científico de um campo de conhecimento específico. Compreende-se o conceito do campo jornalístico a partir noção sociológica desenvolvida pioneiramente por Pierre Bourdieu (1989). Para ele, o conceito de campo consiste em um microcosmo simbólico caracterizado por relações de poder e disputas internas entre os agentes. Especificamente no jornalismo estas relações são atravessadas por atrações e repulsas de outros microcosmos, o que envolve uma autonomia ambígua e a dupla dependência do campo jornalístico em relação aos campos econômico e político (SILVA, 2009).

Essas teorizações são repercutidas enquanto pressupostos epistemológicos basilares para a configuração do ensino de jornalismo no meio universitário, o qual se apropria posteriormente dessas abordagens teóricas para se legitimar enquanto uma área acadêmica específica.

2. O PIONEIRISMO ALEMÃO NAS TEORIZAÇÕES SOBRE O JORNALISMO

1 Neste texto, compreende-se os paradigmas da Comunicação como sendo: “[...] formas de organizar ideias, de estruturar maneiras de perceber o conjunto, de afirmar identidades a partir de pontos em comum e reduzir complexidades. Um paradigma, portanto, representa um ponto de partida, um direcionamento da análise e da percepção [...]” (TEMER; NERY, 2004, p. 33).

Apesar da considerável diferença temporal entre o reconhecimento do ofício do jornalismo e sua posterior institucionalização no meio acadêmico, a iniciativa de estudos científicos sobre o jornalismo foi registrada no final do século XVII, com a primeira tese de doutorado de título “Os relatos jornalísticos”, defendida em 1690, pelo médico alemão e teólogo Tobias Peucer, na Universidade de Leipzig, na Alemanha. A tese de Peucer (2004) trata-se do primeiro registro de uma investigação acadêmica sobre o jornalismo, em um estudo que desenvolve reflexões sobre a importância da verdade e da credibilidade no jornalismo e inicia os debates sobre critérios de seleção e restrições do jornalismo, servindo como base para os trabalhos posteriores.

Contudo, o protagonismo da pesquisa de Peucer (2004) sobre uma teorização a respeito do jornalismo foi relegado ao esquecimento e/ou desconhecimento acadêmico e não gerou, no final do século XVII e no século XVIII, desdobramentos em outros estudos de jornalismo. Dentre os entraves que podem ter tornado tardio o reconhecimento acadêmico da obra desse autor alemão, especificamente para os estudos de jornalismo no Brasil, aponta-se a tradução da tese. No âmbito brasileiro, por exemplo, a tradução do estudo de Peucer (2004) para a língua portuguesa somente foi realizada no ano 2000, a partir do interesse do pesquisador e jornalista José Marques de Melo, conforme é apresentado no preâmbulo elaborado pelo tradutor da versão do estudo para a língua portuguesa, Paulo da Rocha Dias:

Aqueles que têm familiaridade com a pesquisa em jornalismo, irão perceber que a maioria dos temas hoje sistematizados e aos quais se recorre permanentemente quando se faz pesquisa nesta área, foram então observados e investigados de forma científica por Tobias Peucer. O trabalho pioneiro desse alemão de Görlitz deu início, em 1690, na cidade de Leipzig, ao conhecimento acumulado e sistemático de uma ciência que hoje se encontra em fase de amadurecimento e autonomia. A leitura dessa tese leva-nos às origens das teorias de jornalismo hoje em voga nos centros de estudos avançados de Comunicação. Ler esses vinte e nove parágrafos será uma busca das origens do pensamento moderno em Comunicação. (PEUCER, 2004, p. 14)

A tese de Peucer (2004) protagoniza a busca de uma cientificidade para o jornalismo. Sobre o estudo, Lückman (2020, p. 117) comenta que, apesar da obra não tratar especificamente sobre a relação entre jornalismo e conhecimento, “[...] Peucer já tem uma percepção sobre o papel que aquilo que ainda viria a ser chamado de jornalismo desempenhava na orientação da vida cotidiana, no final do século XVII”.

Posteriormente ao estudo de Peucer (2004), outro alemão, o jornalista Otto Groth elaborou, no final do século XIX e início do século XX, uma tese em defesa de uma Ciência dos Jornais, que ele chamou em sua obra de periodística, o que demarca a “[...] liderança alemã no campo da Ciência do Jornalismo [...]” (GROTH, 2011, p. 11). O estudo de Groth (2011) defende os jornais, também nomeados como periódicos, como objetos culturais que detêm uma cientificidade e metodologia específicas.

Essa gênese científica do jornalismo nasceu motivada principalmente pelo contexto histórico, social, político e cultural da imprensa na Modernidade, e menos pelo anseio da própria universidade pelos estudos e ensino de jornalismo, conforme corrobora Marques de Melo: “Foi justamente o impacto diário do cenário europeu

que motivou a primeira incursão universitária no terreno jornalístico, convertendo-o em objeto de reflexão intelectual [...]” (MARQUES DE MELO, 2012, p. 108). Historicamente a imprensa vai se constituindo como uma instituição social relevante para as sociedades modernas, baseada em sua capacidade técnica de transmitir, reproduzir, dar visibilidade e fazer circular informações que buscam organizar o meio social, especialmente a partir da configuração da informação como um valor de relevância socioeconômica e cultural.

Além disso, o papel social da imprensa no contexto histórico do Ocidente se associa aos princípios democráticos reivindicados e conquistados a partir das revoluções burguesas no século XVII e do movimento intelectual do Iluminismo no século XVIII, que fundamentam a aproximação entre o jornalismo e alguns princípios democráticos, como os direitos à informação, à liberdade de expressão e à liberdade de imprensa. São essas garantias democráticas que colaboram para a apreensão do papel iluminista de esclarecimento dos cidadãos realizado pelo jornalismo (MORRETZSOHN, 2007), bem como referendam o seu polo ideológico ou intelectual (TRAQUINA, 2005), no qual o campo se baseia para reclamar para si o status de um serviço de interesse público relevante socialmente.

As discussões científico-acadêmicas iniciais sobre o jornalismo são, portanto, decorrentes do estabelecimento e reconhecimento social das práticas jornalísticas nas sociedades modernas. Outro pesquisador alemão e precursor do campo da Sociologia, Max Weber pontuou a importância de se investigar o jornalismo enquanto objeto científico a ser analisado segundo as modificações das relações sociais na Modernidade.

A imprensa introduz, sem dúvida, deslocamentos poderosos nos hábitos de leitura e com isso provoca poderosas modificações na conformação, no modo e na maneira de como o homem capta e interpreta o mundo exterior. A constante mudança e o fato de dar conta das mudanças massivas da opinião pública, de todas as possibilidades universais e inesgotáveis dos pontos de vista e dos interesses, pesa de forma impressionante sobre o caráter específico do homem moderno. Mas de que maneira? É o que teremos de investigar. (WEBER, 2005, p. 20)

Essa defesa foi realizada durante uma conferência feita por Weber, em 1910, no Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia em Frankfurt (BERGER; MAROCCO, 2006, p. 34). Os estudos de Weber foram pioneiros e orientaram a tese posterior de Groth (2011) sobre o desenvolvimento de uma ciência para o jornalismo. Groth foi orientado de Weber, segundo citação de Meditsch e Sponholz no prefácio brasileiro da obra: “A história também poderia ser contada de outra forma: Otto Groth, o jornalista que se tornou aluno de Max Weber e terminou seu doutorado em 1915 em Tuebingen, que escreveu a obra mais importante da Ciência dos Jornais [...]” (GROTH, 2011, p. 13).

Groth (2011) discute a cientificidade do campo jornalístico segundo uma perspectiva culturoológica, em que a tese centra-se no reconhecimento dos jornais e das revistas enquanto obras culturais que realizam mediações no campo social; porém, diferentemente das interações sociais investigadas pela área da Sociologia.

A questão do jornalismo como campo de conhecimento

Nós precisamos ter clareza sobre a diferença fundamental que há entre o objeto sociológico e o da Ciência dos Jornais. Lá se trata de relacionamentos interpessoais, do social-subjetivo, mas aqui se trata de uma “coisa” e os seus relacionamentos com os sujeitos, de algo cultural-objetivo. [...] Se a função, o sentido do jornal (revista), como eu interpreto, é a mediação, esta é de fato de uma categoria muito importante na sociologia, mas o significado da mediação ultrapassa o social. Mediações também podem ocorrer entre coisas e entre coisas e pessoas, não somente entre pessoas. O jornal, a revista, a obra cultural efetuam uma tal mediação tanto entre pessoas quanto entre coisas e pessoas. (GROTH, 2011, p. 88)

Na defesa de um objeto científico próprio do jornalismo, Groth considera que a mediação realizada vai além das relações sociais, pois está no quê e como os jornais e revistas realizam essas mediações culturais. “Portanto, para a Ciência dos Jornais, a mediação, a função é de fato essencial, condicionada pelas suas leis próprias, mas [...] o jornal (revista) não é, em sua essência, um objeto sociológico [...]” (GROTH, 2011, p. 90).

Groth (2011) desenvolve a tese de que a cientificidade do jornalismo funda-se no reconhecimento de que o conhecimento intelectual nas Ciências Humanas está também em uma concepção teleológica para compreensão dos sentidos, finalidades, valores e motivações das criações humanas segundo uma ordem cultural, diferindo-se, portanto, o objeto da Ciência dos Jornais dos demais objetos científicos de outras Ciências, especialmente das Exatas. Além dos valores e finalidades dos jornais como objetos científicos específicos do campo de conhecimento do jornalismo, Groth (2011) delineou uma metodologia que busca configurar leis próprias e quatro características centrais dessa Ciência dos Jornais, a saber: a periodicidade, a universalidade, a atualidade e a publicidade. Essas categorias colaboraram na configuração de fundamentos epistemológicos para os estudos de jornalismo.

Entretanto, mesmo ao defender a especificidade da Ciência dos Jornais, Groth (2011) considera a permeabilidade do campo de conhecimento jornalístico em relação a outros. Desse modo, ele reconhece que a Ciência dos Jornais também pode ser considerada uma ciência auxiliar da Sociologia, assim como o conhecimento sociológico também contribui para a Ciência dos Jornais. Groth (2011) também pontua que a Ciência dos Jornais também se ampara na interdisciplinaridade em relação a outros campos do conhecimento, como a Psicologia, as Ciências Econômicas, a Economia de Transporte, a Ciência da Literatura, sendo alguns dos campos científicos mencionados na obra do autor.

Essas possíveis interfaces entre a Ciência dos Jornais e outras Ciências, segundo Groth (2011), constituem-se também como uma forma de dispersão teórica do campo de conhecimento do jornalismo. Nesse sentido, esse aspecto tanto enriquece quanto também fragiliza o campo de conhecimento do jornalismo no que se refere à legitimação de epistemologias e teorias próprias e conseqüentemente de metodologias particulares. Mesmo assim, a teorização de Groth (2011) é reconhecida como importante para a configuração de “[...] um sistema de leis próprias, uma análise profunda da essência do periódico e com isso os fundamentos epistemológicos para uma Ciência dos Jornais [...]”, conforme se apreende do prefácio da obra de Groth (2011, p. 12), versão brasileira, de autoria de Eduardo Meditsch.

3. A ABORDAGEM FUNCIONALISTA E POSITIVISTA NOS ESTUDOS DE JORNALISMO

Enquanto na Alemanha no final do século XIX e início do século XX, já havia estudos científicos que consideravam o jornalismo como um objeto científico a ser pesquisado, são nos Estados Unidos que foram investigadas e elaboradas as primeiras teorias sociológicas condizentes ao paradigma funcionalista pragmático da Escola de Chicago nas primeiras décadas do século XX. Esse paradigma, segundo Temer (2005, p. 281), se fundamenta nas teorias sociológicas de Comte, Durkheim e Spencer.

A abordagem teórica pioneira da Escola de Chicago nos estudos de Comunicação foi proeminente, entre 1910 e 1940, para a consolidação de um tratamento científico às funções dos meios de comunicação, segundo Temer e Nery (2004, p. 36). As autoras explicam a Escola de Chicago como basilar na formação de uma Ciência Social da Comunicação fundamentada nos estudos empíricos e no interacionismo simbólico, o qual entende a sociedade a partir das interações sociais entre os indivíduos.

Para tanto, a Escola de Chicago credita à comunicação o papel essencial de possibilitar e dar significados às interações humanas. A respeito da Escola de Chicago, Temer e Nery (2004) explicam a função da comunicação e dos meios de comunicação:

A comunicação, portanto, é o processo de troca de informação, mas também é a própria estrutura simbólica sobre a qual se apóia a sociedade. Nesse sentido, o ser humano é o resultado dos processos de interação simbólicos desenvolvidos pela sociedade, e a própria sociedade é um produto da comunicação. Para os autores ligados à Escola de Chicago, o indivíduo – ator social – é capaz de entender e descrever os fatos sociais que o cercam, de compreender o mundo. No entanto, esses indivíduos agem em função do significado dado às coisas (ou situações) nos processos de comunicação, mas não da coisa em si. (TEMER; NERY, 2004, p. 36)

Também a respeito da Escola de Chicago, Sodré (2014) menciona os autores que contribuíram para os estudos de Comunicação de acordo com a corrente teórica funcionalista pragmática:

Nos Estados Unidos, a instituição acadêmica mais significativa da atmosfera intelectual de cuidado com comunicação/informação é certamente a Escola Sociológica de Chicago, caudatária do pragmatismo de filósofos americanos como William James, John Dewey, George H. Mead e Charles Sanders Peirce, mas também de sociólogos europeus como Gabriel Tarde e Georg Simmel, que propunham abordagens do social distintas das perspectivas durkheimiana, weberianas e marxianas. A partir de 1910 (data da tradução de Simmel para o inglês por Robert Park, mas também da criação do Curso de Jornalismo em Columbia), a Escola de Chicago torna-se um destacado centro de estudos empíricos e microssociológicos (análises de situações particulares ou locais) sobre os fenômenos da comunicação, privilegiando os temas da “comunidade humana”, da cidade como “laboratório social” e abrindo-se metodologicamente para a pluralidade disciplinar no campo das ciências sociais. (SODRÉ, 2014, p. 62)

Expoente dos estudos científicos de comunicação efetivados pela Escola de Chicago, Robert Ezra Park, jornalista e sociólogo estadunidense, se deteve em elaborar um constructo teórico precursor sobre o jornalismo como detentor de um conhecimento específico sobre a realidade cotidiana, de acordo com a Sociologia do Conhecimento. O autor defende a notícia, enquanto produto final das práticas jornalísticas, como uma forma de conhecimento especialmente em seu ensaio de título: *"News as form of Knowledge"*, publicado em 1940, no *American Journal of Sociology* (PARK, 1970).

Park (1970) distingue o conhecimento resultante do jornalismo em duas formas, que podem ser traduzidas em: 1) o "conhecimento de", de cunho mais instintivo, intuitivo e herdado a partir dos processos internalizados pelos indivíduos em sociedade por meio dos hábitos. E o 2) "conhecimento acerca de", de caráter mais formal e sistematizado por uma metodologia, sendo neste último no qual a notícia se enquadra, segundo o ponto de vista do autor.

O "conhecimento acerca de", segundo Park (1970), resulta da investigação sistemática da natureza social e prescinde da adoção de procedimentos metodológicos. Para ele, a notícia é uma forma de conhecimento sistematizada que se fixa no relato dos acontecimentos transitórios e efêmeros que acabam por orientar o público no cotidiano, diferentemente, por exemplo, do conhecimento advindo da História. "Na mais elementar de suas formas, o conhecimento não chega ao público, como chega ao indivíduo, em forma de percepção, mas em forma de comunicação, isto é, de notícia" (PARK, 1970, p. 175).

Machado (2005), em seu artigo, relata brevemente sobre a trajetória profissional do jornalista Robert Ezra Park e seu ingresso no meio acadêmico na área da Sociologia no final do século XX e discorre sobre a atuação de Park no desenvolvimento de ensaios e artigos sobre o jornalismo como forma de conhecimento e como uma instituição social. De acordo com o autor: [...] "Park foi o primeiro que ousou definir a natureza do conhecimento produzido pelo jornalismo" (MACHADO, 2005, p. 29), no início do século XX nos Estados Unidos.

Park (1970), em seu ensaio, discorre também sobre a forma de conhecimento advinda da notícia referente à sua capacidade de comunicação e de circulação. Porém, sobre isso, Machado (2005) contesta:

Para Park a qualidade de notícia do relato de um evento depende dos canais em que circula. A autenticidade do relato de uma notícia sempre está vinculada a sua exposição a crítica e ao juízo do público a que está dirigida e de cujos interesses se ocupa. Nestes dois casos, as características apresentadas – fazer com que as pessoas conversem e circulação pública – não são uma particularidade das notícias. Um capítulo de uma telenovela, por exemplo, cumpre com estes dois requisitos sem ser um produto de natureza jornalística. (MACHADO, 2005, p. 28)

Outro aspecto presente no ensaio de Park (1970) é de que, apesar de entender a notícia como uma forma de conhecimento distinta do senso comum, o autor acaba por reconhecer também, de modo contraditório, que há correspondências entre as funções da notícia e a percepção intuitiva associada ao senso comum como formas de conhecimento:

A questão do jornalismo como campo de conhecimento

Na verdade, a notícia realiza, de certo modo, para o público, as mesmas funções que realiza a percepção para o indivíduo; isto é, não somente o informa como principalmente o orienta, inteirando cada um e todos do que está acontecendo. E fá-lo sem qualquer esforço do repórter por interpretar os acontecimentos relatados, exceto o esforço do repórter para os tornar compreensíveis e interessantes. (PARK, 1970, p. 176)

Contudo, a respeito da associação que Park (1970) realiza entre o conhecimento que é produto do jornalismo e o conhecimento intuitivo, Machado (2005) aponta uma crítica:

O principal problema de tal distinção, por mais que seja inegável o pioneirismo dela, consiste nas consequências de sua aplicação para a definição de notícia. Ao tentar distinguir o conhecimento típico das ciências, do conhecimento inerente às notícias, Park acentua as diferenças entre ambos tomando como parâmetro o conhecimento científico e, ao final, deixa de caracterizar a especificidade do conhecimento jornalístico, ao considerá-lo similar ao conhecimento do senso comum [...]. (MACHADO, 2005, p. 27)

Apesar das incongruências analisadas por Machado (2005) a respeito da discussão teórica elaborada por Park (1970) sobre jornalismo e conhecimento, os estudos de Park têm seu mérito na constituição de uma discussão epistemológica inicial sobre o a questão do jornalismo como conhecimento no início do século XX nos Estados Unidos, tendo como base sociológica a ênfase na imprensa. Park (1970) se teve a tensionar os estudos de Jornalismo em defesa de uma especificidade epistemológica para o campo a partir do debate sobre o conhecimento do jornalismo. O autor empreendeu os estudos sobre o jornalismo a partir do campo da Sociologia e, até mesmo, realiza um comparativo entre o trabalho de observação realizado pelo jornalista e pelo sociólogo em seu ensaio (PARK, 1970).

Marques de Melo (2012) considera a teorização desenvolvida por Park como precursora do que ele nomeia de paradigma anglo-americano dos estudos científicos de jornalismo e principalmente como basilar para a compreensão da mídia como forma de conhecimento. Para Marques de Melo (2012, p. 190), as contribuições teóricas de Park lançaram a midiologia nos Estados Unidos no século XX.

Demonstrando atitude progressista, Park valorizou o papel da mídia como agência socializadora por excelência. Reconheceu-a como dínamo do novo fenômeno da moderna sociedade, ou seja, a opinião pública. De acordo com sua análise, a mídia impressa e, posteriormente, os meios eletrônicos de comunicação poderiam desempenhar papéis decisivos na transformação de **multidões** amorfas e apáticas em **públicos** articulados e ativos, fortalecendo o sistema democrático. Equacionando de maneira não apocalíptica o desempenho das indústrias midiáticas na edificação da "sociedade de massa", Park e seus discípulos da Escola de Chicago contribuíram decisivamente para a formulação da doutrina da "responsabilidade social", cuja dupla face preserva a "autorregulamentação empresarial" e a "educação dos profissionais". (MARQUES DE MELO, 2012, p. 190-191, grifos do autor)

Marques de Melo (2012) reafirma a influência da visão funcionalista nas teorias elaboradas por Park ao defender o paradigma anglo-americano nos estudos de jornalismo, abordagem que enfatiza a associação funcionalista e positivista entre

sociedade e meios de comunicação que são vistos como instrumentos essenciais para manutenção e bom funcionamento da sociedade de massa compreendida como um organismo social.²

Marques de Melo (2012) exalta o constructo teórico de Park, que, segundo ele, vai além da transferência informacional vinculada à primeira abordagem teórica dos estudos de Comunicação, que se trata da Teoria Hipodérmica, e entende que as discussões teóricas de Park associam-se aos ideais progressistas anglo-americanos condescendentes às abordagens positivista e funcionalista do papel dos meios de comunicação como inovações tecnológicas com a função de também contribuir para a modernização das sociedades.

Meditich (1998), em seu artigo, relaciona especificamente jornalismo e conhecimento. Para ele, o jornalismo é uma “[...] forma de conhecimento de direito próprio, ao invés de um simples instrumento para transmitir conhecimentos produzidos por outrem e eventualmente, com isso, degradar estes saberes.” (MEDITSCH, 1998, p. 36). Ao defender sua hipótese, o autor aponta as influências das abordagens positivistas e do pragmatismo, especialmente com base nos estudos desenvolvidos por Park, mas acrescenta também a sua argumentação teórica uma análise sustentada segundo uma vertente crítica dos estudos de Comunicação.

Além do pragmatismo que orientou Robert PARK, diversas outras correntes teóricas oferecem bases de apoio não só para aceitar como também para se definir a especificidade do Jornalismo enquanto conhecimento.

As epistemologias críticas, que nas últimas décadas têm se dedicado a desmistificar o preceito positivista da infalibilidade da Ciência, e a demonstrar o caráter cultural e histórico de toda a forma de conhecimento, contribuíram para destruir o ideal de uma verdade única e obrigatória, e principalmente para estabelecer os limites lógicos de qualquer reivindicação de objetividade. (MEDITSCH, 1998, p. 28)

47

Essa criticidade destacada nos estudos de Comunicação se vincula principalmente ao paradigma crítico radical que será discutido na sequência. A vertente crítica dos estudos de Comunicação colabora também para uma nova apreensão entre jornalismo e conhecimento.

4. A INCIDÊNCIA DO PARADIGMA CRÍTICO RADICAL NAS DISCUSSÕES SOBRE JORNALISMO E CONHECIMENTO

O paradigma crítico radical também se encontra nos estudos de Jornalismo. Temer (2005, p. 283) explica esse paradigma dos estudos de Comunicação como resultante dos trabalhos desenvolvidos por grupos de intelectuais marxistas não-ortodoxos que estudam os meios de comunicação “no contexto de crítica ao capitalismo” e como instrumentos ideológicos e técnicos da indústria cultural, o que forma

2 De acordo com Temer, o paradigma positivista-funcionalista “[...] procura um paralelo entre corpo social e o corpo humano, procurando entender a sociedade a partir de suas trocas ou relações sociais, a partir de uma postura pragmática, que valoriza as pesquisas administrativas e empiristas” (TEMER, 2005, p.281).

uma corrente teórica de base alemã nomeada de Escola de Frankfurt. Essa Escola se contrapõe ao empirismo e as pesquisas administrativas de cunho matemático sobre a Comunicação, para estabelecer uma vertente teórica sustentada no materialismo histórico marxista.

No Brasil, o autor Genro Filho (1987) discute a especificidade do jornalismo como conhecimento, na obra "O Segredo da Pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo", segundo uma crítica à Escola de Frankfurt, que caracteriza a primeira vertente do paradigma crítico radical dos estudos de Comunicação. A teoria crítica introduz uma dimensão política na discussão sobre as funções dos meios de comunicação e conseqüentemente do jornalismo nas sociedades capitalistas de acordo com uma visão manipulatória realizada pelo capitalismo.

Genro Filho (1987) realiza uma crítica pioneira nos estudos de Comunicação no Brasil também a respeito do paradigma funcionalista e da ideologia positivista de objetividade positivista defendida por Park em sua tese sobre a notícia como forma de conhecimento. Genro Filho (1987), ao adotar em sua obra uma perspectiva crítica, contrapõe-se à proeminência do paradigma funcionalista pragmático e de mesmo modo dos ideais frankfurtianos do paradigma crítico radical para defender a singularidade do jornalismo como uma forma de conhecimento social que tem como objeto epistemológico a singularidade. "No entanto, o aspecto central desse gênero de conhecimento é a apropriação do real pela via da singularidade, ou seja, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica" (GENRO FILHO, 1987, p. 42).

Para Genro Filho (1987, p. 191), o jornalismo deve ser compreendido como uma forma de conhecimento construída historicamente. Ele defende que o jornalismo precisa ser analisado criticamente dentro das contradições socioeconômicas às quais integra, tendo o potencial desalienante e humanizador a partir da comunicação que visa à práxis, ou seja, a transformação do homem.

A obra de Genro Filho (1987) é considerada pioneira na configuração de uma Teoria do Jornalismo no Brasil segundo uma abordagem de uma vertente atualizada da teoria crítica surgida com a Escola de Frankfurt, que é caracterizadora do paradigma crítico radical dos estudos de Comunicação. No livro, o prefácio apresenta essa discussão sobre a necessidade de uma definição epistemológica para o jornalismo:

Existe uma grande defasagem entre a atividade jornalística e as teorizações que se fazem em torno dela. Esse distanciamento se dá em tal grau que, inclusive, tem gerado falsas e absurdas polêmicas opondo "teóricos" e "práticos". [...] Por outro lado, é bem verdade que os "teóricos" não têm feito muito no sentido de lançar uma ponte com mão dupla entre a teoria e a prática. Em geral, as teorizações acadêmicas oscilam entre a obviedade dos manuais, que tratam apenas operativamente das técnicas, e as críticas puramente ideológicas do jornalismo como instrumento de dominação. Assim, o profissional que procura, realmente, refletir sobre o significado político e social de sua atividade - cujas ambigüidades e contradições ele percebe em seu dia-a-dia -, coloca-se num impasse. Ou ele vai tomar conhecimento das variações em torno de um tema que já domina, ou buscar contato com enfoques teóricos que desprezam as contradições e potencialidades críticas do jornalismo, com as quais ele se depara na prática. (GENRO FILHO, 1987, p. 3)

Segundo Genro Filho (1987), a carência de legitimação do jornalismo no meio acadêmico baseia-se também na segregação entre os próprios pesquisadores ao se fixarem nas distinções entre teoria versus prática, que nada contribuem para a consolidação do campo de conhecimento. Com suas críticas ao paradigma funcionalista pragmático e às teorizações que entendem o jornalismo segundo uma função positivista de manter o bom funcionamento do organismo social, Genro Filho (1987) confere uma criticidade para análise do campo. Porém, em sua tese sobre o jornalismo como uma forma de conhecimento sustentada na singularidade do conhecimento jornalístico, ele também desvincula sua teoria de uma visão maniqueísta condizente com a primeira fase dos estudos da teoria crítica da Escola de Frankfurt.

A respeito da incidência da corrente teórica crítica na relação entre Jornalismo e Ciência, Meditsch (2012) aponta a perspectiva marxista como uma problemática para o avanço teórico. Na perspectiva do autor, a dificuldade de conciliação entre Ciência e Jornalismo é ainda mais intensa nas teorizações que adotam a corrente teórica marxista.

A dificuldade de conciliação entre ciência e Jornalismo, na prática, é ainda mais intensa no caso de uma ciência marxista, e na proposta implícita nessa Ciência de intervenção na realidade para a sua transformação. Se, por um lado, o marxismo reconhece a utilidade do Jornalismo como instrumento para esta intervenção, por outro lado é quase sempre ineficaz no uso desse instrumento, [...]. Desta forma, a dissociação entre teoria e prática do Jornalismo, entre Ciência e Jornalismo e entre marxismo e Jornalismo ultrapassa por suas consequências o estrito interesse dos cursos de Jornalismo, embora seja neles, em primeiro lugar, que se deva buscar uma resposta para o problema. (MEDITSCH, 2012, p. 31)

49

Ainda segundo uma visão crítica sobre os estudos de Jornalismo, Meditsch (2012) explica essa polarização, no âmbito do ensino de jornalismo no Brasil, como um embate entre “teóricos”, que no caso consistem nos professores responsáveis por ministrarem disciplinas teóricas, e os “práticos”, que são compreendidos como os docentes que ministram disciplinas técnicas, também chamadas de práticas. Para o autor, essa dicotomia no curso de jornalismo no país é fundamental para compreender a tese do autor de que “[...] a dissociação entre teoria e prática num curso de Jornalismo é historicamente determinada [...]” (MEDITSCH, 2012, p. 42). Desse modo, compreende-se que Meditsch (2012) assume uma perspectiva crítica sobre o ensino de jornalismo em sua teoria sobre a constituição histórica do ensino e formação em Jornalismo no Brasil.

5. CORRENTE LATINO-AMERICANA SOBRE OS ESTUDOS DE JORNALISMO

Apesar da primeira fase do paradigma crítico radical da Escola de Frankfurt versar sobre os meios de comunicação e consequentemente sobre o jornalismo como instrumentos direcionados à manipulação ideológica do capitalismo e à alienação dos indivíduos pela indústria cultural, isso não inviabilizou a apropriação da criticidade e uma releitura dessa vertente teórica na discussão do jornalismo como forma

de conhecimento, como foi realizado por Genro Filho (1987) em sua obra. Além disso, o paradigma crítico radical influenciou outra corrente teórica, a saber, o paradigma latino-americano, que se trata de uma vertente também de cunho crítico sobre os estudos de Comunicação, porém voltada à perspectiva culturológica de transformação e emancipação dos países latino-americanos pelos meios de comunicação.

Temer e Nery (2004, p. 153) explicam a corrente dos estudos latino-americanos baseada no modelo teórico marxista, em que a América Latina ressentiu dos “limites da dependência cultural” para o desenvolvimento dos estudos sobre Comunicação. A primeira fase da Escola Latino-Americana, nos anos de 1960, foi de ofertar capacitação aos pesquisadores em Comunicação de acordo com os modelos norte-americanos que visavam ao uso difusionista e educativo dos meios de comunicação. Essa qualificação ocorreu segundo uma política externa desenvolvimentista e progressista dos Estados Unidos junto aos países latino-americanos visando ao combate da influência comunista nessas nações. Especialmente, nesse período, foi fundado o Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (CIESPAL), “[...] que realizou um verdadeiro ‘treinamento’ de pesquisadores e professores na área de comunicação – e do jornalismo em particular [...]” (TEMER; NERY, 2004, p. 155).

Após essa primeira fase, pesquisadores latino-americanos da área de Comunicação reordenaram, nos anos de 1970, os estudos para uma perspectiva mais crítica e especialmente centrada na Comunicação para a educação, com foco nas manifestações e movimentos populares, nas mediações culturais entre os públicos e meios de comunicação, especialmente com ênfase nos estudos de recepção.

Marques de Melo (2012, p. 195) aponta a presença do que ele nomeia de paradigma latino-americano na história do Jornalismo no Brasil, destacando que essa vertente teórica tem como precursora a obra escrita por José Barbosa Lima Sobrinho, em 1923, em que realizou uma reflexão crítica sobre a imprensa no Brasil: “[...] o arcabouço teórico construído pelo jovem Barbosa Lima Sobrinho pode ser tranquilamente referido como paradigma latino-americano [...]” (MARQUES DE MELO, 2012, p. 195).

Segundo Marques de Melo (2012, p. 198 e 199), o paradigma latino-americano deve ser compreendido a partir das seguintes distinções: enquanto na vertente teórica anglo-americana, a Comunicação era teorizada segundo projetos sociais inclusivos e com formações educacional e cultural garantidas pela escola e pela mídia; já nos países latino-americanos, essa estrutura social não se repete. Nesse contexto cultural, Marques de Melo (2012) considera que o livro de Barbosa Lima Sobrinho estreia, em 1923, uma postura teórica - crítica de reflexão sobre o Jornalismo no Brasil à luz de estratégias comunicacionais que definem o paradigma latino-americano.

A prescrição que o pensador brasileiro sugere para o combate às mazelas, desvios e distorções da mídia demonstra uma clarividente postura democrática e uma fidelidade consentânea com o paradigma esboçado. Ele não pretende atropelar as leis da ótica para ajustar os vieses das imagens captadas ou refletidas de modo inexorável nos espelhos midiáticos. A solução está na mudança e ajuste dos personagens, cenários e movimentos que dão sentido à realidade, para que esta venha a aparecer de modo correto, aperfeiçoando-se constantemente. (MARQUES DE MELO, 2012, p. 197)

Desse modo, apreende-se que o paradigma latino-americano se distingue dos paradigmas anteriores nos estudos de Jornalismo, especialmente pela ênfase que concede ao papel da mídia para a elevação do nível cultural do público, a regulamentação dos fluxos midiáticos e a educação dos produtores de conteúdos (MARGUES DE MELO, 2012, p. 197).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa breve apresentação de alguns autores que se detiveram em estudar o jornalismo tanto na Alemanha, nos Estados Unidos e no Brasil, apreende-se que as teorizações sobre o jornalismo evoluíram ao longo dos séculos, desde o seu primeiro registro com a obra de Tobias Peucer, no final do século XVII, e principalmente o debate sobre a questão do jornalismo como conhecimento sustenta-se também a partir da análise de bases paradigmáticas antagônicas dos estudos de Comunicação, como a teoria funcionalista pragmática, a teoria crítico radical e a teoria latino-americana, que servem também para embasar as discussões teóricas sobre o jornalismo como campo de conhecimento específico.

De modo bem sucinto e sem a pretensão de expor todos os paradigmas e teorias dos estudos de Comunicação que podem ser relacionados às teorizações sobre o Jornalismo, o debate teórico apresentado neste artigo centrou-se numa leitura de autores que ajudam a compreender a relação entre jornalismo e sua configuração como um campo de conhecimento. Historicamente é relevante reconhecer o pioneirismo de autores alemães no desenvolvimento das primeiras elaborações teóricas sobre o jornalismo como objeto científico e como uma Ciência, conforme realizaram Tobias Peucer no século XVII, Otto Groth no final do século XIX, e o sociólogo Max Weber, no início do século XX.

As obras desses autores alemães evidenciam que o jornalismo foi teorizado antes mesmo de se institucionalizar no meio acadêmico a partir da oferta dos primeiros cursos nos Estados Unidos e na Europa no início do século XX e no início dos anos de 1940 no Brasil. Deve-se à Sociologia principalmente o grande interesse por investigar os jornais e conseqüentemente o jornalismo como objetos científicos, o que caracteriza que a interdisciplinaridade do jornalismo e outros campos de conhecimento existiu e ainda permanece.

Nesse esforço teórico para consolidar uma especificidade do conhecimento do jornalismo também é preciso considerar as influências também dos paradigmas da Comunicação. Não com objetivo de opor os estudos de Comunicação versus os estudos de Jornalismo, como, por vezes, o debate entre pesquisadores dessas áreas insiste em se limitar. No artigo, foram sucintamente apresentadas as bases teóricas: funcionalista pragmática, crítico radical e latino-americana, que não são as únicas, mas que configuram diferentes leituras sobre a forma de conhecimento advinda do jornalismo, e como os autores apresentados no artigo elaboram suas teorizações próprias sobre o campo de conhecimento do jornalismo baseados também nessas correntes teóricas distintas da Comunicação.

Por fim, sustenta-se a defesa que, para se consolidar o jornalismo teoricamente, é preciso fazer a leitura e compreensão histórica também das bases teóricas e pa-

radigmas que ajudam a explicar esse campo de conhecimento, para que então se consiga avançar em nome da consolidação de uma especificidade dos estudos de Jornalismo e suas epistemologias.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). **A Era Glacial do Jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em: <<http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm>>. Acesso em: 30 maio. 2021.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LÜCKMAN, Ana Paula. **Jornalismo, conhecimento e contexto**: Pensamento complexo para uma atividade em transformação. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2020.
- MACHADO, Elias. O Pioneirismo de Robert Park na Pesquisa em Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 23-34, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2086/1826>>. Acesso em: 15 maio 2021.
- MARQUES DE MELO, José. **História do Jornalismo**: Itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.
- MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Editora Insular, 2012.
- MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n.1, p.25-38, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/956>>. Acesso em: 17 maio 2021.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, Charles S. (Org.). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 168-185.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 13-30, 2004. Disponível em: <periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso em: 17 maio 2021.
- SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando?. **MATRIZES**, USP, v. 3, n.1, p. 197-212, ago./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38248/41038>>. Acesso em: 17 maio 2021.

A questão do jornalismo como campo de conhecimento

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. As bases sociológicas nos estudos das Teorias da Comunicação. **Revista Comunicação: Veredas**, Marília: Unimar, v. 4, n. 4, p. 271-298, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Aspectus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.2, n.1, p.13-21, jan.2005. Disponível em: <<https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2084/1825>>. Acesso em: 17 maio 2021.